

Lição 30: Causa da ignorância simples por negação

“ a38. Também é claro — a39. uma vez que aprendemos ou...

Após o Filósofo ter determinado a respeito da ignorância por engano, causada por um silogismo, ele agora determina sobre a ignorância da simples negação, que se produz sem silogismo. Primeiro, mostra em qual tipo de pessoa essa ignorância é necessariamente possuída. Em segundo lugar, prova sua proposição (81a39).

Ele diz, portanto, primeiro (81a38) que, se uma pessoa carece de algum dos sentidos, digamos, visão ou audição, então, necessariamente, faltará a ciência dos objetos sensíveis próprios desses sentidos. Assim, se uma pessoa carece do sentido da visão, então, necessariamente, a ciência das cores faltará nela. E, assim, ela terá ignorância de negação em relação às cores, sendo totalmente ignorante sobre elas. No entanto, isso deve ser entendido de pessoas que nunca tiveram o sentido da visão, como uma pessoa que nasce cega. Mas, se alguém perde a visão que antes tinha, não por isso necessariamente carece da ciência das cores, porque a memória das cores anteriormente percebidas permanece nele.

Mas é possível que a ignorância por negação seja possuída de certas coisas que, no entanto, podem ser conhecidas através de um sentido que possuímos. Por exemplo, se alguém com visão estivesse sempre no escuro, ele de fato careceria da ciência das cores, mas não necessariamente, porque poderia adquiri-la ao perceber as cores — o que não ocorre em quem carece do sentido da visão. Por isso, ele acrescenta que é impossível recebê-la, porque aquele que carece da faculdade da visão não pode nem mesmo adquirir um conhecimento das cores.

Em seguida (81a39), ele prova sua proposição com base no fato de que há duas maneiras de adquirir ciência: uma é através da demonstração, e a outra é através da indução, como afirmamos no início deste livro. Mas essas duas maneiras diferem, porque a demonstração procede dos universais, enquanto a indução procede dos particulares. Portanto, se quaisquer universais a partir dos quais a demonstração procede pudessem ser conhecidos sem indução, seguir-se-ia que uma pessoa poderia adquirir ciência de coisas das quais não tem experiência sensorial. Mas é impossível que os universais sejam conhecidos cientificamente sem indução. Isso é bastante óbvio nas coisas sensíveis, porque recebemos o aspecto universal nelas através da experiência que

temos em relação às coisas sensíveis, como é explicado na *Metafísica* I. Mas isso poderia ser duvidado em coisas que são abstratas, como na matemática. Pois, embora a experiência comece a partir do sentido, como é dito na *Metafísica* I, parece que isso não desempenha papel algum no estudo de coisas já isoladas ou abstraídas da matéria sensível.

Portanto, para excluir isso, ele diz que mesmo aquelas coisas que são abstratas acontecem de ser conhecidas através da indução, porque em cada gênero de coisas abstratas há certos particulares que não são separáveis da matéria sensível, na medida em que cada um deles é um "isto algo". Pois, embora "linha" seja estudada isoladamente de sua matéria sensível, no entanto "esta linha", que está na matéria sensível, enquanto individualizada, não pode ser assim isolada, porque sua individuação procede desta matéria. Além disso, os princípios das coisas abstratas [isoladas], a partir dos quais as demonstrações sobre elas são formadas, não se tornam manifestos para nós senão a partir de certos particulares que percebemos pelo sentido. Assim, do fato de vermos um todo sensível singular, somos levados a conhecer o que é um todo e o que é uma parte, e sabemos que todo todo é maior que sua parte considerando isso em muitos casos. Assim, os universais a partir dos quais a demonstração procede só nos são conhecidos através da indução.

Ora, os homens que carecem de qualquer um dos sentidos não podem fazer uma indução a partir de singulares pertencentes a esse sentido, pois o sentido é o único conhecedor dos singulares a partir dos quais a indução procede. Portanto, tais singulares são totalmente desconhecidos, porque não acontece que alguém que careça de um sentido receba ciência de tais singulares: primeiro, porque não pode demonstrar a partir de universais sem a indução através da qual os universais são conhecidos, como foi dito; segundo, porque nada pode ser conhecido através da indução sem o sentido que está relacionado com os singulares a partir dos quais a indução procede.

Deve-se notar que por estas palavras do Filósofo duas posições são excluídas: a primeira é a de Platão, que afirmou que não temos ciência das coisas exceto através de Formas participadas a partir das ideias. Se assim fosse, os universais poderiam ser conhecidos por nós sem indução, e poderíamos adquirir uma ciência de coisas das quais não temos sentido. Por isso, Aristóteles também usa este argumento contra Platão no final da *Metafísica* I. A segunda é a posição daqueles que afirmam que nesta vida podemos conhecer substâncias separadas compreendendo suas quididades, que no entanto não podem ser conhecidas através de objetos sensíveis que conhecemos e que são inteiramente transcendidos por elas. Portanto, se fossem conhecidas segundo suas essências, seguir-se-ia que algumas coisas seriam conhecidas sem indução e percepção sensível, o que o Filósofo aqui nega até mesmo em relação às coisas abstratas.